

# O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario—A. Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assim-se, a 25000 por trimestre, na typographia do Paiz, Largo do Palacio n. 17.

NUMERO 29

## O DOMINGO.

KARANHÃO, 3 DE AGOSTO DE 1873.

A poesia popular brasileira.

(Continuação do n. 28)

VII

Dos cinco romances d'esta parte (1) só o primeiro (do *Conde Preso*) não é nosso conhecido. Os outros quatro ouvi-mol-os bastantes vezes e o fundo é o mesmo das versões portuguezas.

Apontaremos as semelhanças, seguindo sempre a classificação de Th. Braga, entre os romances portuguezes e os nossos herdados, o que fazemos de memoria em toda esta parte.

*Romance do Conde Alberto.*—D'este romance o que mais nos ficou em lembrança foi o adens de Silvanha, que, na versão do Porto, começa assim:

— Adeus megas, adeus aias  
com quem eu me divertia;  
adeus espelho real  
onde me via e vestia &

assim como esta estrophe, da variante da

(1) O numero dos romances d'esta parte terrei-ra é de onze, mas é porque ha deus o tres romances ás vezes sobre a mesma tradição, por isso damos o numero de cinco, que basta com as tradições sobre que elles se fundam.

## FOLHETIM. (1)

Pois eu cá sou... Riosas.

CARTA A HOLOPHERNES.

Estou no mesmo caso; tambem nunca escrevi um folhetim; e, velho, quasi tão velho como o nosso theatro S. Luiz, não me atreveria a sair do meu serro, si me não sentisse tocado pela magica varinha d'essas duas fadas azues que, cada vez mais, vão dominando os corações.

O publico desta boa cidade está fanatisado; mas o seu fanatismo é justo; é razoavel; as meninas Riosas estão operando um milagre!

O nosso pobre theatro, já caduco, sentio desde o pavimento até ao toldado, que uma força prodigiosa, a força do genio, lhe estava inculcando, nas veias, um sangue novo: publico e theatro deram-se as mãos; fraternisaram-se; e as meninas Riosas foram os Anjos da paz entre o vetusto edificio e os seus frequentadores que andavam, de ha muito, desavinados!

(1) Sentimos que este delicado folhetim, de um distincto amigo, provento nas lides da imprensa, não nos tivesse chegado em tempo de ser publicado, como era de direito, no numero anterior.

Beira-Baixa, que temos de cor, por a termos ouvido muitas vezes:

Fo-se d'ali o bom padre,  
cheio de melancolia;  
mandou fechar suas portas,  
coisa que nunca fizia!  
mandou pôr a sua meza,  
na mesa, nem outro comia;  
as lagrimas eram tantas  
que pela meza corria.

*Romance do Conde de Alemanha.*—Reminiscencia vaga, excepção feita dos seguintes versos que temos quasi de cor:

— Minha mãe, minha mãe-mãe,  
venha a janela do canto,  
venha ver o sethor onde  
toda vestida de branco,  
Venha ver, oh minha mãe,  
a janellinha do paço.  
Venha ver o rendão com  
com uma corda ao postigo.

*Romance do D. Carlos de Montalvão.*—E' este o romance de que nos lembramos mais e foi tambem um dos mais populares em Portugal, o que explica a sua popularisação entre nós. Th Braga diz d'elle: (2)—«Eis um d'aquelles romances de que o povo tanto se apossou, que o inverte e borda a capricho, tomando a acção como typo de novas situações.»

(2) *Romanceiro*—L. 3.ª notas 31, 32, 33.

Por tanto, Holophernes, meu amigo, não venhas com o teu pernicioso folhetim, despertar em dons corações jovens, o demonio da emulação; para que as duas artistas, pequeninas, prosigam até chegarem onde lhes aponta o muito talento que possuem, não será necessario semear a discórdia entre ellas.

Sou Riosas, repito, porque andas me exaltando.

Gosto de Julia porque é uma criança admiravel: tem espirito como o proprio espirito; tem graça como a propria graça; é um verdadeiro genio: nasceu com ella a vocação para o palco: o que ella diz, o que ella faz, é tão bem dito, é tão bem feito, que eu não posso comprehender como o resultado de um estudo; como o fructo de um ensaio; aquillo é a revelação!

Sim, Holophernes, meu amigo, eu o confesso, mas na minha má humilde opinião, Carolina, tem igual talento ao de Julia.

Julia e Thalia: o palco é seu elemento; e por tanto nada mais faz do que seguir a sua natural inspiração; para ella, as comédias; as scenas comicas, são uma brincadeira; ali nada ha forçado; faz rir, diverte, entretem mil espectadores, tão simples e naturalmente como si estivesse brincando com as suas bonecas.

Na variante Maranhense que ouvimos, havia quasi uma reconstrução do romance, com as tres versões do Porto e Beira-Alta (commum), Beira-Baixa e Coimbra.

Na versão commum ao Porto e Beira-Alta, desde o logar que principia:

As sete para oito mezas  
seu pai que estava a mirar;

até a parte em que D. Carlos recebe a carta levada pelo pagensito, e que acaba

Jornada de trinta legoas  
tombas nos para andar,

é quasi completa a lição que ouvimos.

Ha a scena dos afares; assim como, para o fim, a do disfarce de D. Carlos em frade para salvar a amante.

A variante da Beira-Baixa, porem, parece-nos que foi a mais cantada entre nós, pois é d'ella que conhecemos pedaços mais completos e iguaes aos nossos. Nesta variante (*D. Lisarda*) o nome do conde é o mesmo que aqui ouvimos (*Montalvão*), mas não o é o da amante, do qual não temos lembrança.

Logo no começo do romance ha semelhança com o que ouvimos:

— Tenho feito um paramento  
na lãinha do Mi-sal,  
menina com quem dormir  
de en a não ir diffamar.

Carolina, ao contrario, symbolisa a martyr do Theatro: o desempenho dos papeis de que a encarregam, só a custa de muito estudo (dizei até abnegação) produzem o effeito favoravel, para ella, que tu e eu temos visto.

A ovação que esta jovem recebeu na noite do seu beneficio é uma prova de que, si não triumphou, agrada pelo menos, ao publico que applaude-a com enthusiasmo!

Bem sei, meu bom amigo, que a tua predilecção pela menor das Riosas, tem origem desde o bello e sympathico extravalo que lhe deram por nome—Julia!...

Por tanto, Holophernes, nada de rivalidades, onde não as pode haver; onde seria uma clamorosa injustiça promovel-as, onde, até, seria uma profanação.

Moderar, pois, o teu genio impetuoso, limita a tua excelente critica a aconsellar essas duas jovens: a uma que persiste, a outra que escede, ainda mais, si lhe for possível.

E termino pedindo-te que venhas para o meu campo. Arvores e ambos me-handeira, cujo distincto seja—Riosas—!

Goliath.

Desde o lugar que começa:

— Não se me dá que me queimem,  
nem que me manje queimar:  
da se-me d'este meu ventre  
que lava sangue real.

até a entrega da carta pelo pagem, é completa a variante que ouvimos, e é igual a esta da Beira Baixa, menos as tradições explicadas por estes versos:

Cou a uma janella  
mui triste do coração.

e por estes:

Appareceu-lhe um rocinho  
de sete annos e mais não.

A variante de Coimbra tem uma ideia, que vimos reproduzir-se n'um romance obscuro collegido em Pernambuco, que julgamos ser Brasileiro não pelo elemento *chulo* que n'elle predomina, proveniente do meio em que nasceo, mas também pela historia que d'elle nos contou a lavadeira que nol-o disse. Essa historia referia-se directamente a uma mulher determinada, com quem se havia dado o facto, e que era conhecida, dizia a lavadeira, de sua defuncta avó.

A ideia de que fallamos é a da feitiçaria das hervas magicas, manifestada na *D. Areria* (variante de Coimbra) nestes versos:

A cidade de Coimbra  
tem uma fonte de agua clara;  
as magas que bebem n'ella  
logo se veem pejudas  
D. Areria bebeu n'ella,  
logo se viu occupada. & &

e na *Mulher do nosso Mestre* (romance obscuro de que atrás fallamos nos seguintes):

A mulher do nosso mestre  
foi se lavar na enxurrada;  
.....  
e deu no peixe espada.  
Ao cabo de nove mezes  
manda chamar a parteira:  
— Venha cá, sinhá comadre & &

O resto do romance é inqualificavel a reputação de torpeza.

Mas ve-se o elemento da feitiçaria commum na formação da poesia popular dos dois paizes, si é que a ideia do romance Pernambocano não é mais obscena ainda do que julgamos.

*Romance do Passo de Roncesval.*—Não é muito conhecido aqui, e apenas para o fim ha dois logares, dos quaes temos lembrança completa. Um d'elles é quando o mouro dá os signaes de D. Beltrão, ao velho pae que o buscava:

— Sete feridas no peito  
a qual será mais mortal:  
por uma lhe entra o sol,  
por outra lhe entra o luar,  
pela mais pequena d'ellas  
um gavião á voar.

O outro lugar é quando o cavallo levanta-se para se defender da accusação que lhe dirige o pae de D. Beltrão.

Este facto da conservação completa entre nós d'este pedaço é muito característico, para acentuar a tendencia da poesia popular Brasileira. Faremos notar essa tendencia em tempo, e então fallaremos mais largamente sobre este fragmento do *Romance do Passo de Roncesval*.

Dos romances mouriscos e contos de captivos nada temos; nem nos lembramos ter ouvido cousa que se parecesse com as que vêm no livro de Th. Braga que nos serve de paralelo.

Esta falta de popularisação d'estes romances e contos, julgamos explicar por algumas razões que, por serem de mais longo desenvolvimento, faremos d'ellas objecto do capitulo seguinte

(Continua)

Celso de Magalhães.

### Caridade.

Amar-vos uns aos outros.

A ordem social constitue-se em tres camadas que se tocam e se communicam. Na primeira estão a opulencia e a hypocrisia, na segunda a indigencia, a ignorancia, e o vicio, na terceira a paz de consciencia.

Vivem na primeira as cotidades fartas, quentes, sadias e alegres. Para elles a vida é um céu aberto. Uns nascem em berços aristocraticos, cujos pergaminhos não contêm as impurezas da linhagem. Crescem e se educam n'aquella distincção fidalga que lhes dá a consciencia da sua superioridade. Têm casas nobres, grandes, architectonicas; têm leitões largos e cosinhas pantagruelicas. Candelabros e estofos nas salas; penitras propicias a todos os amores e acepipes propicias a todos os gostos. Junto delles Lucullo não passaria de um idiota. Rebem ouro liquido, em quanto que ha miseraveis que morrem á sede. Uma folha de rosa faz-lhes insomnia, um adulterio traz-lhes sonhos parodisticos.

Os famulos têm gravata branca e luvas de pellica, os amos não têm luvas de pellica nem gravata branca:—caprichos da sumptuosidade.

Irritam-se quando ouvem a legitimação do furto, e roubam, deliram contra o atheismo, e vendem-se ao diabo.

O mendigo que apella para a sua caridade, recebe o que escapou aos cães.

Pagam uma hofetada com um sorriso de covardia, e respondem com o tiro á reacção justa, mas imbelles. Todas as ignorancias nodóam os seus arminhos.

Nas commoções sociaes ou fogem ou arrebatam nas garras os despojos de um conflicto em que não tomaram parte.

Entre uma taça de qualquer cousa e uma torpeza suprema cahiriam na fieção da Buridan.

Seos aliados são os hypocritas—os homens do dogma e do breviario. Amparam-se reciprocamente. Uns e outros têm medo do livro, porque o livro desentranha-lhes as perversidades que os devoram.

Ai de quem lhes cai no desagrado, porque cai entro o shario assalariado e o fanatismo que tresvaria.

O *status quo* é a unica situação social que conhecem, porque esta conserva-lhes os gostos, os privilegios, as sinecuras, a obesidade, os magnificos divans e as amantes.

Têm medo das revoluções porque ellas deslocam os homens e os repartem.

O fidalgo fastiga o proletario com a chibatinha, o ultramontano as consciencias com o absurdo; parecem-se.

Nunca se os viu corarem; nunca,—desconhecem essa nobre manifestação do poder. Quereis vê-los infinitamente pequenos?—lisongeai-os.

Estão sempre mascarados. Si sois capaz tirai-lhes as mascaras—recuats fulminados. Vereis a personalisação de todas as paixões ruins. Por traz da mansidão ha trinta e dois dentes, por traz da hypocrisia ha garras, e por traz de tudo—a cobiça raivosa e insaciavel.

Cuidado! si lhe rompéis a mascara, por que abris uma jaula, e precisais ter um ferro em braza para domestical-os.

Aproveitam-se dos que têm sede e dos que têm fome, para abri-lhes fontes de veneno e dar-lhes a nutrição de um fanatismo de millos seculos.

A hypocrisia luxuosa, insolente e inexoravel cobre tudo isso.—Sepultura, de que falla a parábola: por fora a alvura, a pedridão por dentro.

Vem agora a segunda camada, tão escura e tão feia, como essa. Differe da primeira em ser magra, anemica, faminta, maltrapilha, perseguida pela policia e dizimada na escudida.—A historia conhece essa massa como si ella fosse compacta.

É um chaos em perenne fermentação. Só conhece-se o individuo, quando o poder social o apprehende e lança-o na penitenciaría.

Tudo o que ha de mais medonho e sinistro alli se agita, ou melhor, alli vegeta.

São fezes essas creaturas. Não sabem onde nasceram e vivem por ali anonymamente na noite das desventuras.

Não se pôde dizer que ellas viessem á luz. Ao nascerem acharam todo occupado o banquete da vida.

De que se nutrem pois? Do pão negro que acham ás vezes, e de vergonhas que en-

contram em toda a parte. Têm sede? bebem nos charcos; têm fome? matam, rouban, vendem-se.

Nem sempre têm tectos. Dormem ao relento, nos prostibulos, nas ruas; nos adros ao frio, às tempestades, e por fim nos cemitérios.

A's vezes têm tectos—são antros. Entra lá e vereis a felugem, a gazua, a dishonestidade, o andrajo, despojos, o desamparo, a nudez, a alegria, restos de esmolas, nem uma esperança, trevas, o frio—uma cousa horrível.

Uns têm a vontade de morder a mão que lhes dá a esmola, e beijam-na. Outros têm aspirações vagas, e erguem-se titanicamente até a superfície social.

Crianças lindas, alvas, magras e tuas, brincam sem um pouco de pão e sem escola. Moças esbeltas e semi-nuas riem-se, porque vão comer o peço da deshonra.

O trabalho precario e custoso traz as cans, o desanimo, e nada mais.

Quando a necessidade flagella a esses espectros, manifestam-se umas forças, cujo resultante abala a massa social.

Odeiam a ordem, porque a ordem é que mantém a escravidão, a indigencia e a escuridade moral. Conspiram abertamente contra ella, e atacam, assassinam e incendiam.

A's vezes os órgãos da ordem publica sepultam-nos nos calabouços. Não ali esperar o que? Violações á lei penal.

A sociedade negou-lhes idéas, sentimentos, o amparo, o alento: os opprimidos reagem, e ella os aperta nos ergastulos.

Aqui não lhes dá um principio salvador, um sentimento benefico,—nada; ensina-lhes uma profissão, como si ella fosse a isenção das desgraças. Quando sahem das penitenciarias, quasi que mutilados em sua natureza, mais lei no coração e mais vinganças a fazem sevar.

Tudo isso existe. Penetrai nessas profundezas sociaes e apalpareis essas pustulas, esses abortos, e vereis todas as formas do crime, todas as desesperanças em acção.

Vem agora a terceira camada: isto é, o reinado de paz, do amor, da caridade, do decoro, da mansidão.

Essas entidades existem mesmo quando a sociedade está quasi plenamente corrompida. Modestas, vão extinguir, sem que ninguém saiba, umas agonias que ellas descobrem. A' moute sahem ellas vestidas de preto a ir levar remedio aos males. A's vezes são fidalgas, outras são burguezas, outras pobres.

Economicos, trabalhadores, resignados,

philantropicos não se cançam de distribuir alento. A's vezes são associações—as maçonarias. Ha reis assim—Pedro V de Portugal.

Quando soem de penetrar no mais fundo da sociedade, surgem espantados com um livro, como Prudhon ou como Hugo.

Nunca respondem uma injuria por outra. São tolerantes. Têm sempre uma misericordia para o victo, e conselhos e educação para o crime.

Dão a mão aos que cæem. Quando tudo se dissolve ou naufraga—ahi estão elles como guarda da areia.

A sua missão é a felicidade. A sua familia são todos os que soffrem, os poderosos e os felizes.

A caridade, a grande caridade é a sua lei. Abrem escolas, bibliothecas, redimem os escravos, espalhão o perdão e o amor.

Ha nada mais bonito?

Oh vós que tendes veludos, diamantes, superfluidades, riquezas, abundancia, ligai-vos a essas almas generosas e auxiliais nessa nobre missão. Tendes, muito, reparti um pouco com os que não têm.

Semear os livros por todas as partes. Dai-lhes alimentos e liberdades.

Os miseraveis adoecem e morrem por ahí—abri-lhes hospitaes.

Aos criminosos dai-lhes penitenciarias não atrozes, mas verdadeiras instituições educativas.

Sois felizes, alentai aos desventurados.

O vosso amor limita-se só a vossa familia, alargai-o, porque o resto da humanidade é vosso irmão. Sede bons, caridosos, beneficos.

Não prostituais, não compreis as consciências, não enxoteis da vossa porta os famintos e os sedentos, não escraviseis os fracos.

Tende diademas—mas tende um pouco de pão e agua, para dar aos que vivem nas torturas da necessidade.

Tudo isso é que vos eleva á dignidade humana.

*Aureliano de Campos.*

### Angustiosa.

X

Ah, como desespera  
a dor de uma saudade!  
quanto a ausencia a gêra  
do bem que nos ficou:  
quando um momento apenas  
gostou-se a felicidade,  
de novo voltam as penas  
e... tudo se acabou.

Pois eu, Maria, agora  
n'esta agonia gemo;  
muit'alma em ancia effusa,  
e o labio está se a rir:  
e todo o atroz veneno

que d'esta magoa espremo,  
com o rosto alto e sereno,  
eu tento de engulir.

'Stou sempre a recordar-me  
d'aquelle riso moço  
que te aprazia dar-me,  
ainda hontem, flor!  
mas si eu este recorde  
por um instante amei,  
vem o dever, o recorde  
e annullaço o amor!

A's vezes 'stou te ouvindo  
cantar junto ao piano,  
muro teu rosto ludo,  
de mim me esqueço então:  
mas, logo após, desperto,  
dura bem punço o engano,  
muro o futuro incerto  
e acaba-se a illusão.

Tudo isto soffro: o peito  
tenho em continua luta,  
às vezes satisfeito  
e de outras a chorar:  
mas a maior tristeza,  
que de continuo o entata,  
é ter quasi a certeza  
de não poder te amar.

Eu disse amar? não creias!  
Tenho a calga varia!  
No cerebral as idéas  
estão-me á reverter.  
Posso te amar e te amo  
com força extraordinaria,  
mas como é que me inflamo  
não devo te dizer.

Não devo... E porventura  
é tudo o sentimento,  
e ten, cruel tortura!  
deveres a cumprir?  
Mas isto era um supplicio,  
um aniquilamento:  
amar, e mi só indicio  
do amor não dar, mentir!

O sentimento é nobre,  
é franco, é impetuoso,  
é grande, não se enobre,  
nem pôde se esconder.  
Te abraço, te amo, e muito:  
e agora sou diloso,  
pois posso esse transumpto  
do peito te dizer.

1871—Vianna.

*Celso de Magalhães.*

### Soneto.

A dama está sentada. O convidado  
vae para dançar valsas convidada.  
—Do me a honra...? pergunta, e pela saia  
os vejos a passear de braço dado.

Ah! quanto juramento alli é dado!  
Ella jura ser sua, elle aforalga,  
empunção Enterpe não lhes assigna  
de saltar o momento desejado.

Bompe a orchestra enfim. O por ao por  
abraça, abraça mais, esmaga até  
na louca confusão do voltejar...

Trabalha mais a mão que o proprio pe  
da dança no fervor particular  
qu'è só isto leitor: nada mais é!

A. A.

## CHRONICA.

Um baile.—Febre e picções.—Agradecimento a Morpheu.—  
A família Boccas.—As flores e o jardineiro.—Ainda a platon.  
—Artistas.—Livros novos.—Galmnia.—O Publicador Mico-  
nense.—Mythologia.—Cousas do Ceará.—Besteiras de um  
besteiro.—Santa Filomena.

Oxalá posses e o abaixo assignado uma des-

sas pennas d'ouro que com tanta habilidade descrevem os bailes do *grand-monde*, as elegantes *follettes*, que especificam a formosura desta ou daquela dama, sem comtudo molestar nem causar inveja ás mais; para contar-vos estimadissimos leitores, fiel e succintamente o que se viu, o que se passou, o que se gosou nos salões do *Club-União* na noite de 28 de julho.

Tratava-se de um baile magnifico, dado em beneficio das obras dos edificios que se destinam ás escolas publicas do ensino primario, tratava-se de casar os risos e os prazeres á santa causa da instrucção publica. Nada mais justo.

D'ahi, a concorrencia e o entusiasmo, d'ahi um bisongeiro precalço para a realisacão da elegerda idéa.

As salas estavam pejudas de senhoras e cavalheiros; a alegria pintava-se em todos os rostos; todos os ruidados foram olvidadas durante as horas em que passaram rapidos os prazeres. O tímido grupo que compoè a parte (menos pedante) da nossa *high-life* lá estava. Os donos da casa sempre attentos, solheitos sempre, a todos penhoravam.

Quando as ultimas notas do hymno da Independencia apontaram me o olho da rua; quando os carros destillaram, uns atraz dos outros, conduzindo o mágnifico á solidão de seus *bedouers*; quando o *guarda-chapens* me apresentava o *bonnet*, o ultimo por signal, pareceu que se me partia a alma, cujos fragmentos voavam mysticamente atrahidos pelo poder invencivel da mulher!

Vim para casa desesperado e desesperado atizei-me em valle de lençoes, lançando o *frak* aqui, as luvras acolá, as botas ao *Deus davi*, etc. Arria um libro. Si vinte corações eu possuísse, desenoque ficariam desde então á disposicão das minhas impressões daquella noite.

Pachemo as orelhas, lutar, dê-me bolas, leitora; en me havia apaixonado por desenoque senhoras!

Abençoado Murphen, si o teu poder é que faz dormir, como diz a fábula, á qual, seji dito em um folgo, estamos dar ouvidos de mercador, ou te agradeço, porisso que dormi como um abade, e meus *recuerdos* transformei-os em *si nhos*.

—O entusiasmo publico ainda não afrouxou; as meninas Riosas continuam a conquistar generas sympathias e fervorosos applausos.

Quinta-feira passada fez o seu beneficio a menina Julia, o admiravel *centro-canto*. Além de receber muitos ramalhetes e muitas palmas, foi, pelas seus admiradores, brindada com um aderece de ouro, uma bonita coroa de louros e conduzida, em triumpho, á casa, onde seu desvellado pae, o Sr. Bonifacio Riosas, offereceu cerveja ás pessoas presentes, que o brindaram e ás suas gentis meninas.

O Sr. Riosas faz hoje o seu beneficio: o publico, que com tanto fanatismo tem applaudido as filhas, deve—por direito—applaudir o pae, porisso que é lhus este o habil ensaiador; temoos-lhe apreciado a arte, reproduzida porém.

Si entrar o leitor em um jardim e depararem-se-lhe bonitas flores, com o maior desvelo tratadas, sente tal ou qual sympathia pelo jardineiro, si o vir, encostado ao seu sachê e contemplando os primorosos fructos de seu trabalho. Pois bem: as filhas do Sr. Riosas são as flores creadas com esmero, e elle é o jardineiro, aquelle que partilha da sympathia de quem as vê.

Fallando do theatro, não posso deixar de, ainda uma vez, protestar contra o comportamento menos regular da nossa platéa.

E' preciso que a policia tome uma energica medida sobre o espirito de meia duzia de *habitais*.

Quando a orchestra acabou de executar a bonita valsa do Dr. Bastos houve all um *rafo* por se negarem os Srs. musicos a satisfazer os *inhumanitarios* pedidos de bis.

—No dia 29 de julho, anniversario natalicio da herdeira do throno brasileiro, houve sessão magna da *Sociedade dos Ouvires, protectora dos artistas* em casa do seu presidente o Sr. tenente-coronel João Marcelino Roman, não só para festejar o dia por isso que é a princeza D. Isabel protectora da mesma sociedade, como para dar posse aos novos funcionarios, recentemente elitos.

Durante a sessão o mesmo Sr. Presidente leu um bem elaborado Relatório onde exhibia os trabalhos da Sociedade e pela leitura do qual avalliei da boa direccão della, dos esforços do digno Presidente pelo seu bem estar e do deshormonia, embora passageira, que veio por um instante offuscar os horizontes do seu futuro, o que é de esperar que se não reproduza; recitando depois os Srs. Jorge Sobrinho e Satyro da Faria Filho, discursos, e o Sr. Miguel Marques uma poesia, que foi vivamente applaudida.

Terminou essa molesta e expressiva festa por um bem servido *capo d'agua*, onde houve profusão de enthusiasmos brindes.

—Por intermedio dos Srs. Magalhães & Cª offereceu o Sr. B. L. Garnier, distincto e bem reputado livreiro—editor da corte á redacção do *Domingo* as seguintes obras que publicou recentemente, e em por parte da mesma redacção, agradeceu-as ao mesmo tempo, recomendo-as ao publico.

—*Viagem ao redor do mundo em 80 dias*, por J. Verne, versão de J. F. Valdes. Critica lha, espirito adulado, leitura agradável, variadissima e tradueção esmerada.

—*A guerra dos Mascates*, chronica dos tempos coloniaes, por Seno, cujo pseudonymo não adianto, por estar além de suas raças, as nossas recommendações.

—*O Dr. Judasson*, bonito romance de A. Assolant, versão de Abranches Gallo. Já sam bem conhecidas no Imperio as tradueções deste Sr., e isso recommenda o romance.

—*Dois dias de felicidade no campo*, etc., escriptos humoristicos de Fausto, que é um autor muito espirituoso.

—*O indio Affonso* é um pequeno e lindo romance do festejado escriptor Dr. Bernardo Guimarães, seguido de um canto allegico á morte de Gonçalves Dias, do qual o unico defeito é ser pequeno, por isso que se o reld.

Todos estes livros acham-se á venda em casa dos populares Srs. Magalhães & Cª

Recebemos tambem o *Jornal dos Familiaes*, que está melhor que nunca; primorosos artigos literarios, excellentes figurinos e magnificas descrições das ultimas modas. Não pôde ser mais proveitoso ás familias. Recomendamoos-lho.

—Corro por ahi que é o editor—proprietario deste periodico o autor de um pasquin, ou como lhe chamem, que quinta-feira á noite foi distribuido no theatro; e si era essa a convicção de alguns sujeitos, veio confirmal-a a poeta do *Diario do Maranhão*, especie de filhinha de porta, cujo redactor garante factos que não existem sem fundamento algum.

Dizendo ao Exm. Sr. presidente da provincia que o autor daquillo não está longe de si, parece querer dar a entender que é elle o Sr. Azevedo, contribuindo assim para a fama que gosa, sem proveito, o mesmo Sr.

O Sr. presidente da provincia, que aliás não é, como diz e noticiador, redicolarisado no tal pasquin, far-lho-há a devida justiça si por ventura um grupusculo conhecido de aduladores e intrigantes lhe fir soprar nos ovidos factos que se não deram, porisso que muitas vezes

este jornal tem precunizado os actos da sabia administração de S. Exe.

—O *Publicador Maranhense* exultou! Sabiu enfim das mãos do Sr. Frias!!!... Está mal impresso, apagado quasi, etc., e que se irá melhorando; mas ao menos já se pôde ler.

—Pedem-me que reprehenda ao deliciozo *Adonis* da rua do Sol sobre o modo por que procedea com o proprietario da sua *Venus captiva*; poreu sem me querer envolver em *mythologias* deixo essa incumbencia a melhor censor.

—O jornal *Cearense* (esta sabida da onde é), de 24 do passado traz em suas columnas uma *arremgão*, com nome de carta, o tanto curiosa pelo que respecta á novidade. O signatario da cuja é um *caboclo velho*, muito entendido em questões de *bestagem*, (phrasa de salto nas reuniões do Ceará) e que, justiciero algumas vezes, chama-se a si proprio *hustaque*, (*ladro de galinha*, cururú, etc. (isto do cururú é *bestagem* por mais que mo digam).

Diz-me pois o preclaro *caboclo* que *sultara* no Maranhão (era melhor ter *palado*) *lu de* passagem para o Amazonas, e que ficara surpreendido com a decantada civilisacão de nossa terra, visto como só via ingremos tuas, a porcaria d'ellas, o desabamento e ruina de muitas casias e, finalmente, os pretos semi-nús.

Direi ao *illustre selvagem* que tudo isto me pareceo *bestial* e só proprio de uma imaginacão succemente jumentaria, porisso que, pondo mesmo de parte toda a *essudade* e mentira de taes proposições, o que ha nellas de correlativo e commum com a nossa civilisacão?

O *hicho-carota*, que não fór nenhum *besteiro*, sabe perfeitamente que a civilisacão de um povo manifesta-se em seu progresso moral e não em rurs ingremos e casias a desbar. Só pode pensar assim o pobre lupca que a si proprio chama *hustaque*... por lis-ija.

O mais interessante é dizer elle que ficou por isso fazendo uma triste idéa da nossa civilisacão, como si uma almatia destas estija no caso da emitir idéias sobre tal objecto.

Mas inda não fica misto todo o seu *relamborio*; mais adiante ainda nos de-lhira que *lera* em uma esquina—*Bac da Forca Velha*, que se lha arripiram os cabellos por ter lido tal conza, e que *lira* por essa rua aos trambalhões até ao porto de embarque (que mentira!) sendo, durante o trajecto, *apupado*, diz elle, pelos *bons maranhenses*.

Isto de *bons maranhenses* é sanico do *besteiro* com toda a certeza, porisso que os unicos entes que lho poderiam *fazer* tal obra de caridade, naturalmente não passaram de moleques. Ora, para estes o tratar assim, eademem os leitores o quanto terá de grutesco e caricato o *illustre* figurão que nos visiou. Naturalmente é algum segundo volume do *Major Cutia*.

Não vale a pena levar esta resposta mais longe, por conseguinte fecho aqui as portas da discussão na cara desse palerma e passo a trancal-as com o seguinte proverbio latino—*Cum bratis non est latandum*.

—E termino esta chronica que, si não é das *commonal*, tambem não é das mais pequenas fazendo votos para encontrar hoje na festa de Santa Filomena, no largo do Carmo, os meus amaveis leitores com sua totalidade.

Alli nada falta: lequins, casias de surtos, etc., como nas outras, tendo esta o addendo da phantasmagoria, no theatro das Variedades.

A igreja está armada com luxo. E passem por lá muito bem.

Eloy, o heróe.

Maranhão—Typ. do Paiz, imp. M. F. V. Pires.